

SÃO LUIZ

Teatro
Municipal
2013

20 e 21 Mai Peças Frescas Novíssima Música Portuguesa

Segunda e Terça às 18h30

Jardim de Inverno; m/3
Entrada Livre

Co-produção:

Escola Superior Música de Lisboa
São Luiz Teatro Municipal

PROGRAMA 20 MAI

Jorge, o Oompa-Loompa Diabético 4

Tiago Rodrigues

3º ano

Prof. Sérgio Azevedo

Jorge Elviro, para muitos apenas um nome sem referência ou relevo de carácter histórico, mas na verdade Jorge Elviro é sinónimo de descoberta e prevenção, uma individualidade cujo passado encontra-se enraizado nos alicerces da evolução da medicina Oompa loompaliana. A sua longa linhagem remete a uma família abastada e brasonada possuidora de uma vasta casa senhorial em Loompalândia que após séculos de problemas territoriais com os Whangdoodles foi destituída. Foi na verdade o seu trisavó, Henrique Elviro, o primeiro Oompa Loompa a emigrar, mais especificamente para Portugal em 1887. Mas será o pai de Jorge, Elviro Elviro, que com a chegada do Estado Novo a Portugal decide exilar-se em Inglaterra. Em 1962, conhece um excêntrico pasteleiro de nome Willy Wonka detentor de uma visão empresarial invejável, que aposta a sua vasta fortuna numa colossal fábrica destinada unicamente à produção de chocolates. Jorge será o primeiro filho de Elviro a trabalhar na famosa fábrica de chocolates iniciando uma longa tradição de família. Mas a sua importância revelou-se aquando as suas advertências relativamente às condições de trabalho dos Oompa Loompas, especialmente à sua repetida dieta alimentar que constava somente de chocolate. A sua demanda levou-o a anos de pesquisa na qual levava a cabo experiências onde ingeria quantidades desmedidas de chocolate puro. Isto resultaria num primeiro estágio de diabetes, doença desconhecida nessa raça, a qual leva-o à sua morte em 1998. Serão as suas notas de trabalho que ajudarão os futuros médicos a compreender esta maleita que se tornara uma realidade para os Oompa Loompas. À luz destes descobrimentos, Oompa Loompas por todo o mundo trabalharam em conjunto de modo a tentar erradicar a doença criando Sindicatos de trabalho com medidas referentes à questão da ingestão de um elevado grau de açúcar equilibrando assim a dieta dos Loompas, do mesmo modo foram reivindicados os seus direitos não só a nível social como a nível cultural permitindo a nós humanos a possibilidade de entendermos as raízes culturais destes seres. Em 2012, o ano em que se completam 14 anos sobre o seu falecimento apresento esta peça como um simples testemunho do meu apreço e respeito por esta figura ímpar, por Jorge o Oompa Loompa Diabético.

*Um Oompa Loompa pode sonhar
E saber que está acordado*
Jorge Elviro (1950-1998) 21-06-2012

Sara Mendes, flauta

Livro de Danças: 4 I Dança dos Lívidos II Dança do Lusco-Fusco

Tiago Rodrigues

3º ano

Prof. Sérgio Azevedo

I-A Dança dos Lívidos:

Uma dança para aqueles que já cá não estão.

II-A Dança do Lusco-Fusco:

Em Tempos já idos,
um velho Ancião contara certa estória.
Que a poucos prendia seus ouvidos,
e muitos mais achavam-na Fábula irrisória:

Certo dia, um jovem tolo
ao embrenhar-se na Grande Floresta
jurara ter visto um lustroso corvo
falar com uma raposa sobre certa Festa

Ao segui-los cuidadosamente
deparou-se com uma imensa clareira
Onde toda a bicharada se reunia
de forma prazenteira

Fora então, que para seu total espanto,
um choque de morte,
ao ver que uns dançavam a valsa
e outros o Foxtrot

Assim, todos os dias
momentos antes do Anoi-tecer,
o jovem esgueirava-se para a Floresta
e lá ficava até ao Amanhecer

Chamaram-lhe louco, tolo
mas ele afirmava
que todas as noites, quando a lua lá em cima dormia
com uma cegonha dançava

Mas anos mais tarde, aquando a sua morte, uma coisa
não se soube explicar,
o porquê de tanta bicharada
que a sua lápide ia visitar

Uns viam, à noite,
no cemitério algo brilhar,
outros tantos juravam ter ouvido
um Corvo chorar

Portanto neste dia,
onde as verdades e incertezas teimam,
penetra na Grande Floresta, onde os sonhos e a utopia
reïnham

E se um barulho ouvires
não sejas brusco,
se desta estória fores crente,
segue cuidadosamente
até à Dança do Lusco-Fusco.

Catarina Rico, flauta
Salomé Alves, oboé
João Abrantes, clarinete
Diva Ventura, fagote

Pequena Paródia (Parodie Petite) 6

Daniel Davis

2º ano

Prof. Sérgio Azevedo

Pequena Paródia, surge de uma ideia de brincadeira e de gozo, que por um lado diverte e entretém quem está a tocar e quem esta a ouvir, por outro lado, para além de entreter, faz uma crítica dos chamados melómanos que vão às salas de concertos para mostrar casacos de pele e nem sabem aquilo que estão prestes a assistir. Pensam que são "pseudo-conhecedores" de música erudita e falam uma linguagem que desconhecem mas que só a põe no seu vocabulário por ser "chique". Daí a utilização da língua francesa no "Parodie Petite", "Le Charme" ou "Le Boutique, le boutique", sendo que este último tem um erro ortográfico. Correctamente seria "La Boutique" e está escrito "Le Boutique" sendo propositada a intenção para a crítica dos melómanos que para além de não saber o que é que vão ouvir nas salas de concertos Portuguesas não sabem falar correctamente. Por fim esta peça surge de uma ideia rítmica-melódica que se vai desenvolvendo com uma melodia que se repete. Estas ideias rítmicas e melódicas vão desenvolvendo-se e pela sua vez também aparecem em várias transposições. Utiliza-se o quarteto de Flautas de Bisel não como um solista e três acompanhadores, mas sim com os quatro músicos a assumirem um papel de solistas.

Luís Tavares
Maria Clara Costa
Maria Ana Ferreira
David Campelo
flautas de bisel

Trio de Cordas nº1s

João Costa

1º ano

Prof. Luís Tinoco

O trio de cordas nº1 é uma peça modal em ré para Violino, Viola e Violoncelo. Neste dia iremos ouvir o 1º andamento com carácter e estilo medieval, e por vezes tem um carácter musical de banda sonora. O andamento tem três partes, sendo que a primeira é rapsódica, ou seja não tem um tema definido. A segunda parte anda à volta de uma melodia medieval, que passa por todos os instrumentos, e por outro lado há um acompanhamento que aparece de forma variada. A terceira e última parte é uma reexposição que apresenta resumidamente de tudo aquilo que apareceu em todo o andamento.

Maria Inês Silva, violino
Joana Antunes, viola
Maria Nabeiro, violoncelo

OME-O3
Telmo Lopes
2º ano
Prof. Luís Tinoco

Surge de uma encomenda do meu amigo e colega de curso André Santos que é também o instrumentista da peça. Sabendo da sua ligação ao flamenco e da sua formação em guitarra clássica, tentei "espelhar" os dois universos em que se movimenta, misturando as duas "linguagens". Na audição da peça penso que é bem identificável os vários motivos que constituem esses dois mundos de virtuosismo. Melodia, ritmo, efeitos, motivos e frases. O lado frenético e sedutor do flamenco versus o virtuosismo clássico e erudito - que, embora de diferentes mundos, não estão, a meu ver, de maneira alguma muito distantes em muitos pontos. Quero agradecer ao André a sua amizade e dedico-lhe esta peça.

André Santos, guitarra

Andavam de Noite (aos segredos)3
Telmo Lopes
2º ano
Prof. Luís Tinoco

Em maio de 2012, aquando da leitura do livro "Poesias Inéditas" de Fernando Pessoa surgiu a ideia de musicar este poema para voz soprano e piano. Ao lê-lo dá-me sempre a sensação que um dia irei acordar de um pesadelo e que tudo não passou de um sonho. É assim que vejo vários aspectos do nosso quotidiano e que tento viver mesmo nos dias em que tudo parece uma imensa escuridão. Amanhã será melhor! Dedico esta peça à minha querida esposa Sandra. E ainda um agradecimento muito especial ao amigo e colega de curso Luís Salgueiro, pela sua disponibilidade.

Carolina Sá, soprano
Marisa Silva, piano

Ao longe outro mundo r
Catarina Bispo
1º ano
Prof. Luís Tinoco

Abafados pelo caos da cidade, e da civilização humana, muitas vezes nos esquecemos que existe outro mundo à nossa volta, o mundo da natureza, da terra, dá água, do verde, do azul, do fogo, onde a vida está sempre a acontecer, em harmonia. Esta peça é uma tentativa de exprimir o retorno à inocência, à simplicidade, ao sentido de deslumbramento em relação ao mundo natural que nos rodeia, onde, com os seus ritmos cíclicos, o tempo, que a nós tanto nos aflige, parece ser de pouca consequência...

Daniela Baltazar, flauta
Filipa André, violoncelo
Leonora Silva, piano

Confirmações 10
Sara Ross
2º ano
Prof. Carlos Caires

A palavra confirmação surgiu quando estava perto de terminar o segundo andamento (o primeiro a ser escrito), e desde então manteve-se bem presente no construir da peça. É uma palavra que se revelou bastante importante nesta música por várias razões, pois possibilitou uma reconciliação muito pessoal, permitindo-me reconhecer certas afirmações que estavam esquecidas, ou talvez inconscientemente ignoradas. Esta música, por isso, é uma celebração de todo o caminhar até aqui, assim como uma mostra de gratidão por quem tenho a maior admiração. (Junho 2012)

Sofia Cymbrom, clarinete
Patrícia Antunes, clarinete
Vitor Sousa, clarinete baixo
Catarina Silva, viola
Bárbara Santos, violoncelo

Comunicação 9
Daniel Flores
1º ano
Prof. Luís Tinoco

Drama-musical. Auto da fé. Local: Lusitânia (praça pública) Tempo: Suspensão (mas talvez no sec. VII, não interessa (mas interessa saber que não interessa)).

Ana Leal Correia, soprano
Ana Margarida Pinheiro, soprano
Catarina Archer, soprano
Carolina Sá, soprano
Samuel Pintor, flauta
Rita Mendes, flauta
Daniel Flores, piano
Lucas Medeiros, parafernália

Cantos de Árvore 4
Tiago Rodrigues
3º ano
Prof. Sérgio Azevedo

"(...) Quando o mundo era jovem e as florestas vastas e selvagens, os entes e as esposas (...) caminhavam juntos e habitavam juntos. Mas os nossos corações não cresceram do mesmo modo: os entes davam o seu amor a coisas que encontravam no mundo e as esposas pensavam em coisas diversas: os entes amavam as árvores grandes, as florestas agrestes e as vertentes dos montes altos; bebiam nos rios das montanhas, só comiam os frutos que as árvores deixavam cair no seu caminho e aprenderam com os Elfos a falar com as árvores."

Barba de Árvore
J.R.R.Tolkien, *O Senhor dos Anéis: As Duas Torres* (p.84-85)

"(...) A pouca distância, Barba de Árvore desviou-se um pouco dos montes e embrenhou-se em matas cujas árvores eram maiores, mais altas e mais cerradas do que quaisquer outras já por eles vistas. (...) Barba de Árvore não falava com eles. Cantarolava pensativamente, em voz profunda, mas Merry e Pippin não conseguiam identificar as palavras. Parecia-lhes que ele dizia: bum, bum, rumbum, burar, bum, bum, dárar bum bum, dárar bum, e por aí fora, numa mudança constante de melodia e ritmo. De vez em quando, parecia-lhes que ouviam uma resposta, uma vibração ou um zumbido sonoro que parecia sair da terra, ou dos ramos por cima da sua cabeça, ou talvez das copas das árvores; mas Barba de Árvore não parava nem virava a cabeça para um lado ou para o outro."

J.R.R.Tolkien, *O Senhor dos Anéis: As Duas Torres* (p.89)

Ent: Pastor de Árvores que se assemelha a uma árvore. Criação de J.R.R.Tolkien.

Miguel Filipe, percussão
Diogo Gomes, percussão
Rui Quintas, percussão
Suse Ribeiro, percussão
Hugo Gomes, percussão

Quix Bem 4
João Ceitil
2º ano
Prof. Luís Tinoco

"Quix bem" é uma cantiga de amor, da autoria de D. Dinis, que nos fala de uma mulher aprisionada, no mais profundo anonimato, numa memória blindada de espinhosas recordações. "Quix ben amigos, e quer e querei unha molher que me quis e quer mal e querá mais non vos direi eu qual é a molher, mais tanto vos direi quix e querei e quero mui gran bem a quem mi quis mal e quer e querá mais nunca homem per mim saberá..." Este secretismo, que enaltece o profundo amor aqui consagrado, é núcleo gerador de toda a energia contida nesta peça. As palavras cantadas, sob uma aparente resignação, personificada num registo ténue, são acompanhadas, por uma instrumentação

cuidada, que converge no ideal aqui confidenciado. Dois instrumentos, que adquirem funções semelhantes, complementam-se numa sonoridade global, resultante da colisão dos seus materiais aparentemente antagónicos. Os constantes encontros e desencontros, estão bem presentes nos seus discursos musicais.

Rita Tavares, voz
Rafael Azevedo, piano
Ana Albino, baixo
João Ceitil, electrónica

Lethes5
André Santos
2º ano
Prof. Carlos Caires

Na mitologia grega Lethes é um dos rios de Hades. Reza a lenda que quem bebesse ou tocasse na sua água perdia a sua memória. É baseado nesta lenda que surge o nome do rio que atravessa Ponte de Lima no Norte de Portugal. Partindo da premissa do esquecimento e de um ambiente enevoado surge esta peça a quem dedico ao meu querido amigo Óscar como que uma homenagem à sua terra Natal.

Óscar Torres, contrabaixo
André Santos, electrónica

Viagem ao Sol5
André Santos
2º ano
Prof. Carlos Caires

"Há mentiras de mais e compromissos (Poemas são palavras recompostas) E por tantas perguntas sem repostas Mascara-se a verdade com posições.

Não vida, nem sombra, nem razão,
É jaula de doidice furiosa,
Eriçada de gritos, angulosa,
Com estilhaços de vidro pelo chão.

É carrego de mais esta jornada
E protestos não servem, nem suores,
Já mordidos os membros de tremores,
Já vencida a bandeira e arrastada.

Depois se me apagaram os amores
Que a viagem fizeram desejada."

José Saramago

Miguel Vasconcelos, violino
Carolina Lourenço, violino
Catarina Afonso, violino
Manuel Ferrer, violino
Catarina Silva, viola
José Miguel Freitas, viola
Bárbara Santos, violoncelo
Raquel Merrelho, violoncelo
João Barradas, acordeão
Raimundo Semedo, saxofone soprano
Nuno Tavares, piano
André Santos, guitarra
Óscar Santos, contrabaixo
Carlos Mil-Homens, cajon
Ana Tomás, soprano
dir. Artur Cardoso